

## **Educação musical e a importância da arte no TEA: apontamentos e reflexões na aprendizagem**

**Music education and the importance of art in TEA: notes and reflections on learning**

**La educación musical y la importancia del arte en TEA: apuntes y reflexiones sobre el aprendizaje**

Recebido: 05/06/2022 | Revisado: 14/06/2022 | Aceito: 14/06/2022 | Publicado: 20/06/2022

### **Fernando Icaro Jorge Cunha**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0064-4039>  
Universidade Federal do Pampa, Brasil  
E-mail: [icaro729@gmail.com](mailto:icaro729@gmail.com)

### **Guilherme Baltar de Azambuja**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0787-8604>  
Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, Brasil  
E-mail: [guilhermebaltarazambuja@gmail.com](mailto:guilhermebaltarazambuja@gmail.com)

### **Maria José Baltar de Azambuja**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0897-7380>  
Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Brasil  
E-mail: [mj.azambuja@bol.com.br](mailto:mj.azambuja@bol.com.br)

### **Glória Fernandes Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0087-0578>  
Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
E-mail: [gloriafernandeslima@gmail.com](mailto:gloriafernandeslima@gmail.com)

### **Marirze de Almeida Leite**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6256-7614>  
Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, Brasil  
E-mail: [maryalmeidal@hotmail.com](mailto:maryalmeidal@hotmail.com)

### **Jorgeane Pedrosa Pantoja**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5449-3272>  
Secretaria de Saúde de Belém Brasil  
E-mail: [jorgeanepantoja@gmail.com](mailto:jorgeanepantoja@gmail.com)

### **Francisco Mesquita Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1977-7066>  
Secretaria Municipal de Educação de Tarauacá, Brasil  
E-mail: [frankmesquita001@gmail.com](mailto:frankmesquita001@gmail.com)

### **Érica Paula Borri Bezerra**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3735-6839>  
Result Soluções Educacionais, Brasil  
E-mail: [profericaborri@gmail.com](mailto:profericaborri@gmail.com)

### **Ricardo Santos de Almeida**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>  
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
E-mail: [ricardosantosal@gmail.com](mailto:ricardosantosal@gmail.com)

### **Elisabete Bispo dos Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1382-0721>  
Prefeitura Municipal de São Paulo, Brasil  
E-mail: [angelibbispo@gmail.com](mailto:angelibbispo@gmail.com)

### **Resumo**

A Educação Especial Inclusiva traz consigo especificidades e dispõe de lacunas para a efetivação da inclusão. Este processo pode decorrer da ausência de pautas inclusivas nos currículos das licenciaturas, evidenciando carências nas articulações didático-pedagógicas, refletindo diretamente no *módus operandi* do ensinar-aprender na Educação Básica. Este artigo objetiva-se por viabilizar reflexões sobre a importância do ensino de arte nos profissionais da educação, mais precisamente a música, contributiva à socialização e aprendizagem. A arte e suas linguagens, contribuem no desenvolvimento psicomotor, cognitivo, social e afetivo das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A escola desempenha um importante papel na educação e desenvolvimento dessas crianças, pois a escola é o espaço onde se rompem paradigmas e se deve oferecer recursos pedagógicos adequados aos educandos. Nesse sentido, a arte contribui para que os alunos com TEA, tenham um ensino-aprendizagem significativo, já que pessoas com TEA, dispõem de sensibilidade no que diz respeito aos processos de interação e socialização.

**Palavras-chave:** Arte; Música; TEA; Aprendizagem.

### **Abstract**

Inclusive Special Education brings with it specificities and has gaps for effective inclusion. This process may result from the absence of inclusive guidelines in the curricula of the licentiates, evidencing deficiencies in the didactic-pedagogical articulations, reflecting directly on the *modus operandi* of teaching-learning in Basic Education. This article aims to make possible reflections on the importance of art teaching in education professionals, more precisely music, contributing to socialization and learning. Art and its languages contribute to the psychomotor, cognitive, social and affective development of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). The school plays an important role in the education and development of these children, because the school is the space where paradigms are broken and adequate pedagogical resources must be offered to the students. In this sense, art helps students with ASD to have a significant teaching-learning process, since people with ASD are sensitive to the processes of interaction and socialization.

**Keywords:** Art; Song; TEA; Learning.

### **Resumen**

La Educación Especial Inclusiva trae consigo especificidades y tiene vacíos para una inclusión efectiva. Este proceso puede resultar de la ausencia de lineamientos inclusivos en los currículos de las licenciaturas, evidenciando deficiencias en las articulaciones didáctico-pedagógicas, repercutiendo directamente en el *modus operandi* de la enseñanza-aprendizaje en la Educación Básica. Este artículo tiene como objetivo posibilitar reflexiones sobre la importancia de la enseñanza del arte en los profesionales de la educación, más precisamente de la música, contribuyendo a la socialización y al aprendizaje. El arte y sus lenguajes contribuyen al desarrollo psicomotor, cognitivo, social y afectivo de los niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA). La escuela juega un papel importante en la educación y desarrollo de estos niños, porque la escuela es el espacio donde se rompen paradigmas y se deben ofrecer los recursos pedagógicos adecuados a los estudiantes. En este sentido, el arte ayuda a los estudiantes con TEA a tener un proceso de enseñanza-aprendizaje significativo, ya que las personas con TEA son sensibles a los procesos de interacción y socialización.

**Palabras clave:** Arte; Canción; TEA; Aprendizaje.

## **1. Introdução**

A arte está presente na vida das pessoas desde a pré-história, pois por meio da Arte seres humanos se expressam artística e culturalmente. É por meio da arte que podemos conhecer e entender a cultura de um povo, sendo a arte fundamental para a construção humana sensível.

No que se refere à arte/educação, esta proporciona aos alunos, o contato direto com o mundo artístico. A arte desenvolve no educando sua cognição, sensibilidade, socialização e afetividade.

“A arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir” (Duarte Júnior, 1988, p. 65).

Ouvir música, apreciar um quadro, uma dança, são modos de sentir a arte, de aproximar as pessoas umas das outras, desse modo, as relações e interações, bem como as trocas de experiências entre as crianças, beneficiam principalmente os alunos com deficiências.

Estudantes com TEA são extremamente aproximados curricularmente com a arte e suas linguagens, na escola, pois, crianças com TEA necessitam trabalhar a interação, a emoção e a socialização, categorias do conhecimento sensível que é proporcionada pela arte.

### **1.1 A história da Educação Musical no Brasil**

A história da educação musical brasileira coincide com o próprio achamento do país. Os portugueses ao chegarem à cidade de Porto Seguro, na Bahia, trouxeram consigo os Jesuítas. Esses, por sua vez, dotados de muito estudo e prática musical, vindo da Europa, iniciaram aulas com os Índios brasileiros a fim de convertê-los, ignorando assim a música nativa. Cabe aqui enfatizar que os nativos indígenas também traziam consigo experiências musicais associadas a reprodução dos sons

da natureza, como os sons dos pássaros, porém, sem sofisticação técnica como os estrangeiros que aqui desembarcaram com instrumentos musicais.

Os Jesuítas eram padres que pertenciam a uma ordem religiosa vinculada à igreja católica, e tinham como objetivo a pregação do evangelho pelo mundo. As canções e hinos ensinados pelos Jesuítas eram traduzidos para o Tupi, e além dos instrumentos e o canto, autos e monólogos também eram acompanhados por música. A apresentação de “O Auto da Pregação Universal” é considerada a primeira peça musical brasileira, composta em 1555, no mesmo ano em que Anchieta fundou o primeiro teatro no Rio de Janeiro.

Durante o período colonial do Brasil, o ensino da música era de exclusividade da Igreja Católica, com exceções de aulas particulares que eram ministradas por músicos colonos portugueses e que tinham um objetivo mais profissionalizante. Foi só no fim do período colonial que a igreja deixou de comandar com exclusividade o ensino musical. Em 1854 foi oficializado por meio de um decreto federal a determinação de que houvesse a prática musical do canto e noções básicas musicais nas escolas públicas do Brasil, e no ano seguinte, um outro decreto fez a exigência de um concurso público para a contratação de professores de música.

No início do século XX, João Gomes Júnior e Carlos Alberto Gomes Cardim, ambos de São Paulo, começaram a promover o canto coral e reorganizaram o ensino da música já estabelecido nas escolas públicas. A prática do canto coral foi influenciada por um movimento que estava em alta na França do século XIX, chamado de Canto Orfeônico, nome dado em homenagem a Orfeu, Deus da mitologia grega que segundo conta a história, encantava e amansava as feras com sua música.

Em 1930, Heitor Villa-Lobos retorna ao Brasil depois de passar uma temporada na França, dez anos antes, onde se familiarizou com o canto coral e teve contato com os métodos de estudos de Zoltán Kodály, educador musical húngaro que defendia não só a prática do canto coral como também o uso das músicas folclóricas de cada cultura.

Sobre o método de Kodály, Marisa Fonterrada faz a seguinte observação:

A meta de Kodály era ensinar o espírito do canto para todas as pessoas, por meio de um eficiente programa de alfabetização musical; a ideia era trazer a música para o cotidiano, fazê-la presente nos lares e nas atividades de lazer, [...] o grande interesse de Kodály era proporcionar o enriquecimento da vida, valorizando os aspectos criativos e humanos, pela prática musical. Proporcionar alfabetização musical para todos era o primeiro passo em direção a esse ideal (Fonterrada, 2008, p. 155).

Dessa forma, em 1932 o Canto Orfeônico tornou-se oficialmente uma disciplina das escolas do Rio de Janeiro, e no mesmo ano Villa-Lobos assume a direção da Superintendência da Educação Musical e Artística (SEMA). O objetivo da instituição era formar professores qualificados para o ensino do Canto Orfeônico. Em função disso, o Brasil presenciou um grande crescimento na área da Educação Musical nas décadas de 30 e 40, tendo Heitor Villa-Lobos como principal nome e referência.

A partir da década de 1940 o ensino do Canto Orfeônico se tornou cada vez mais presente nas escolas públicas do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Em 1961 foi publicada a primeira Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB, onde a denominação de Canto Orfeônico foi substituída por Educação Musical mesmo sem distinção de metodologias e aulas. No ano de 1971 uma nova LDB acabou dando à música um papel secundário na disciplina de educação artística, uma vez que essa exigia do professor domínio não só da música, mas também do teatro, artes plásticas e desenho.

Com o passar do tempo, o ensino da música nas escolas foi ficando esquecido, e em 1996 a LDB n. 9.394/96 ressalta que a música é conteúdo obrigatório, mas não exclusivo nas escolas, portanto, cabe aos professores de artes, buscar maneiras de inserir este conteúdo em suas aulas. Somente em 2008 a Lei n. 11.769 tornou o ensino da música obrigatório nas escolas, porém não exige que o professor tenha formação musical. Segundo Baumer, a Lei n. 11.769 foi aprovada tornando obrigatório

o ensino de música na Educação Básica sem exigir que o professor tenha a habilitação em música, o que nos leva a supor que será o professor de arte quem levará para a escola essa linguagem artística (2009, p. 53-54).

Antero (2010), em sua pesquisa, ressalta a importância da música para as crianças da Educação Infantil e busca saber mais sobre a Lei n.11.769, aprovada em 2008. A tramitação dos projetos aconteceu na Câmara e no Senado pelo período de dois anos, conforme o relato:

A apreciação musical passa pela valorização da cultura que o aluno já possui, estabelecendo elos com a música que lhe é familiar e agradável, sem, no entanto, ignorar a possibilidade de novas experiências, o despertar de novos interesses e visões, que podem ser proporcionados pela música erudita, popular, étnica e até mesmo pela sonoridade a ser explorada no próprio ambiente de sala de aula. (Aguiar, 2008, p.3).

Deste modo, é fundamental que os professores incluam elementos musicais em suas práticas, é importante ressaltar que a música não é uma disciplina exclusiva, mas um conteúdo que fica sob a responsabilidade do professor de arte trabalhar, entre outras linguagens e expressões artísticas que compõem a disciplina, como a dança, artes visuais e o teatro.

As crianças e jovens com necessidades especiais têm o direito de enfrentar desafios para desenvolver suas habilidades. Além disso, precisam ter autonomia para fazer e escolher de acordo com suas necessidades e motivações. Sendo assim, as experiências musicais referem-se às atividades que viabilizam diferentes interações mais com as pessoas ao seu redor, proporcionando um ambiente de aprendizagem acolhedor e seguro Rodrigues (2019).

## 2. Apontamentos Metodológicos

Este estudo é consubstanciado a partir de uma revisão integrativa, pois a mesma permite-nos articular os fundamentos teórico-metodológicos que permeiam a literatura com as nuances particulares dos autores frente ao tema de pesquisa em questão: Educação musical e sua relação com indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Neste sentido, o delineamento qualitativo foi utilizado, a fim de expressar com aspectos de valores teóricos dados que não podem ser quantificados estatisticamente.

Acerca das revisões bibliográficas:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov & Freitas, 2013, p. 54).

Vale ressaltar que, desde o surgimento do problema de pesquisa, a busca em referenciais publicados na literatura pode ascender a mente dos autores para diversos caminhos de pesquisa, ou seja, uma pesquisa que se inicia em viés bibliográfico, pode vir a tornar-se futuramente um estudo de caso, uma análise de conteúdo, uma entrevista, uma pesquisa, dentre outros métodos. Sousa *et al.*, (2021, p. 65) descreve que “a pesquisa científica é iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada”.

Para tanto, os principais autores que embasam o viés teórico desta pesquisa, são respectivamente: Aguiar (2008), Antero (2010), Barbosa (1990), Barbosa (2002), Baumer (2009), Bruscia (2000), Duarte Júnior (1988), Fonterrada (2008), Sousa (2009), Berger (2002), Koelsch (2011), Rodrigues (2012), Sampaio, Loureiro e Gomes (2015).

Realizou-se, por meio do levantamento em bases indexadoras de caráter científico, a busca pelas palavras-chaves: Ensino inclusivo, Musicoterapia, Educação especial e arte, que se encontram associadas ao ensino de arte, transtorno de aprendizagem, musicoterapia, fazendo uma seleção criteriosa dos trabalhos mais relevantes. As plataformas utilizadas para a

busca foram *ScienceDirect*, *Scielo* e Google Acadêmico e o período de tempo delimitado dos estudos pesquisados refere-se a aproximadamente dez anos e foram encontrados artigos científicos, obras clássicas que discutem o ensino da música associado à educação especial.

Para a seleção dos manuscritos estabeleceu-se os seguintes critérios: artigos publicados em inglês, espanhol ou português e artigos com palavras-chave no título, resumo ou palavras-chave de qualquer espécie contendo a palavra Arte, educação inclusiva, musicoterapia e TEA. Outros artigos que não preenchiam os critérios de inclusão foram excluídos desta revisão sistemática, bem como 'publicações' pouco fiáveis, tais como esboços, livros, artigos do sítio e pré-impressões de artigos submetidos.

Os artigos selecionados foram revistos manualmente, por ordem identificar e excluir obras que não cumpriam os critérios descritos acima. Este estudo abrangeu um total de 83.512 contendo as palavras arte, educação inclusiva, musicoterapia e TEA. Todos os dados obtidos foram documentados e listados em tabelas e números, como serão apresentados ao longo deste artigo.

A primeira busca no indexador *Scielo* usando as palavras-chave “Ensino de arte e Educação inclusiva” identificou 71.840, e 2.610 no Google Acadêmico, e 7.840 resultados no *ScienceDirect*. Fazendo uso das palavras-chaves “Musicoterapia e TEA” zero resultados no *Scielo*, 2.610 resultados no Google acadêmico, e 1.120 no *ScienceDirect*. No entanto, entre estes, 83.470 resultados foram descartados por se tratar da temática em outros contextos, aplicada a áreas Fisioterapia, intervenção na área da Fonoaudiologia, modelo de análises baseadas em inteligência artificial e formação de professores. Os artigos duplicados em duas ou mais bases de dados foram considerados apenas uma vez, resultando em 42, que foram analisados minuciosamente e dentre esses trabalhos.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1 História do ensino da arte no Brasil**

No século XIX, a partir da chegada da corte ao Brasil estabeleceu-se uma preocupação organizacional e curricular com o Ensino Superior no país, antes mesmo dos ensinos Fundamental e Médio, como hoje os conhecemos. Esse fato teria ocorrido por acreditar-se que, a partir do Ensino Superior, ocorreria uma renovação e estruturação do ensino como um todo (Barbosa, 2002, p. 15).

Em 1808, no Rio de Janeiro, foram inaugurados o Museu Real, a Biblioteca Pública da cidade e diversos teatros, assim a capital passou a ter uma grande movimentação cultural. Em março de 1816 chega ao Brasil a Missão Artística Francesa, um grupo de artistas e artífices já consagrados na França e liderados por Joachin Lebreton, tinha entre seus principais nomes os pintores Nicolas-Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret e ainda o arquiteto Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny, entre outros que tinham como objetivo fundar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. O projeto não visava apenas a arte, mas também o ensino de diferentes ofícios para a formação de trabalhadores especializados.

Em 1820 o nome da escola muda para Academia Real e Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil. Porém pouco tempo depois, ainda no mesmo ano, o nome é mudado para Academia Real de Belas-Artes, e só após a proclamação da república o nome seria mudado para Escola Nacional de Belas-Artes.

Os artistas franceses possuíam orientações Neoclássicas, diferentes dos artistas brasileiros, que tinham a tradição do Barroco-rococó, fazendo com que houvesse separações estilísticas, gerando assim, muito preconceito do povo para com a academia. Com o passar do tempo, os artistas do Barroco brasileiro foram cada vez mais menosprezados pelos franceses, que ignoravam a extrema importância que tiveram para a arte brasileira.

Aqui chegando, a Missão Francesa já encontrou uma arte distinta dos originários modelos portugueses e obras de artistas humildes. Enfim, uma arte de traços originais que podemos designar como Barroco brasileiro. Nossos artistas, todos de origem popular, mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco de importação, jesuítico, apresentando contribuição renovadora, como realizaram uma arte que já poderíamos considerar brasileira (Barbosa, 2002, p. 19).

Essa elitização fez com que o povo se afastasse da arte, que passou a ser considerada uma atividade supérflua, perdendo credibilidade e importância ao longo dos anos. Com isso, em 1855, Manuel de Araújo Porto Alegre modificou a educação elitista da Academia de Belas-Artes, trazendo a arte novamente mais para perto do povo. Criou-se então duas classes de alunos, o artista e o artífice, que frequentavam juntos as mesmas aulas. A formação do artista ainda tinha outras disciplinas mais voltadas ao caráter teórico, enquanto o artífice se especializava nas práticas mecânicas e na aplicação do desenho.

A influência política sempre foi muito importante para o ensino da arte no Brasil, e os nomes de Benjamin Constant e Rui Barbosa foram muito importantes para a reforma educacional que aconteceu nas duas primeiras décadas do século XX, que chamamos de Liberalismo. Rui Barbosa acreditava que “a educação artística seria uma das bases mais sólidas para a educação popular” (Barbosa, 2002, p. 45).

O liberalismo brasileiro foi associado aos símbolos de sabedoria entre as classes da burguesia e a classe trabalhadora, tanto pela sua atuação política quanto pelos seus ideais.

À construção de uma nação economicamente liberal e rica estaria diretamente vinculado o pensamento educacional e, principalmente, da consolidação do ensino de desenho. Rui Barbosa pudera observar o desenvolvimento econômico e industrial destes países [Estados Unidos e países da Europa] enquanto elementos anexados ao aprendizado do desenho pelas classes trabalhadoras (Souza, 2009, p. 5).

Assim, Rui Barbosa acreditava que o desenvolvimento do país dependia de um modelo educacional que vinha de encontro com os novos paradigmas sociais.

Em 1914, chega no Brasil Ugo Pizzoli, professor italiano que propõe mais atenção ao desenho infantil, e pela primeira vez no Brasil esse tipo de desenho começa a servir como metodologia para investigar o processamento lógico-mental das crianças.

Em 1922, durante a Semana da Arte Moderna, o desenho infantil começou a ser mais valorizado esteticamente e a pintora Anita Malfatti teve um papel muito importante para que isso acontecesse. Malfatti e Mario de Andrade desenvolveram “atividades de grande importância para a valoração estética da Arte infantil e para a introdução de novos métodos de Arte baseados no deixar fazer que explorava e valorizava o expressionismo e o espontaneísmo da criança” (Barbosa, 2002, p. 112).

Em 1930 ocorreu a democratização da educação, a partir de ações que se contrapunham à educação tradicional pelos membros do movimento Escola Nova como as metodologias mnemônicas. Dois eventos foram importantes para o acontecimento, o primeiro deles foi em 1932, com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado por mais de 100 profissionais das áreas da arte e ciências sociais, que apoiavam uma reforma educacional dos sistemas de ensino e das escolas, reestruturando seus currículos. E em 1934 a promulgação da Constituição que adotou em seu texto diversas iniciativas dos “Pioneiros”, inclusive a premissa de que “Educação é um Direito de Todos e um Dever do Estado”.

Desde então o ensino da arte vem sofrendo com diversas modificações no seu currículo, porém, sempre considerada como essencial na formação do aluno, e obrigatória no currículo escolar. Atualmente o ensino da arte engloba outras áreas além do desenho, como foi por um longo período de tempo. A música, a dança e o teatro ganharam espaço e juntas complementam as artes visuais, trabalhando todas as formas de expressão consideradas essenciais na formação do aluno.

### 3.2 Importância da arte na formação humana

A arte está presente nas nossas vidas desde o início da humanidade, antes mesmo de nos comunicarmos através da fala já deixávamos mensagens através de desenhos, pinturas e construções. Duarte Júnior (1994, p. 136) diz que “a arte está com o homem desde que este existe no mundo, ela foi tudo o que restou das culturas pré históricas.”

O ser humano sempre foi movido pela necessidade de se expressar, de se comunicar com os outros e com a natureza, e é por meio da arte que expressa seus desejos, necessidades, crenças, felicidade e tristeza. A expressão artística, assim como a música, sempre esteve presente nas antigas civilizações, por meio de rituais, cerimônias e pinturas. É difícil hoje imaginarmos um tempo onde essas eram as únicas formas de comunicação, por isso, Buoro (2000, p. 25) acrescenta: “portanto, entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.”

A arte raramente era produzida de forma individual, o que garantia a união destes povos. Grupos eram destinados a cada atividade artística, alguns eram os responsáveis pela música, outros pelas construções de moradia, confecção de acessórios e pinturas, tudo de forma coletiva e organizada. Conforme as civilizações foram evoluindo, mudanças aconteceram pelo caminho, hoje com um olhar mais crítico conseguimos observar melhor essas mudanças, a forma como um grupo ou um indivíduo se comportava antigamente é distinta dos hábitos de hoje, inclusive artisticamente falando.

De acordo com Barbosa (1990, p. 11), “acredita-se que a arte não é apenas uma consequência de modificações culturais, porém o instrumento provocador de tais modificações”. Desse modo, entende-se que a arte muda a percepção de como o ser humano pensa o mundo, e dessa forma se renova de tempos em tempos.

Ao trabalhar com a arte em sala de aula, estamos estimulando o lado emocional, crítico e sensível da criança, e ao produzir um trabalho artístico ela tem liberdade para criar e expressar sentimentos que muitas vezes não sabe ainda como falar e muito menos como lidar. O trabalho artístico é particular de cada artista, e é através dessa expressão que ele irá externar seus medos, conquistas e inseguranças, pois na arte não há julgamentos.

Estamos rodeados de manifestações artísticas e muitas vezes nem notamos, na rua vemos *outdoors*, logotipos, desenhos em muros, cartazes de filmes, rádio e etc. Nem sempre valorizamos a importância e o impacto que essas manifestações causam em nós, mas certamente é importante, ninguém é capaz de imaginar o mundo sem arte, pois ela faz parte de nós e ainda sentimos muita necessidade de nos expressarmos e sermos comunicativos.

Se perguntarmos para várias pessoas diferentes sobre a importância da arte, provavelmente irão aparecer diversas respostas diferentes. É muito difícil citar um ou dois motivos apenas, a importância muda conforme o contexto da realidade de cada um e está sempre em processo de evolução.

A arte segue unindo povos de diferentes lugares do mundo, é uma linguagem universal, o artista consegue expressar uma mensagem sem falar uma única palavra, e consegue fazer com que as pessoas se identifiquem com o seu trabalho, justamente por entenderem a mensagem que ele quis passar, por isso a arte é muito valiosa para a formação humana.

### 3.3 Arte e música na educação especial

A música e a arte podem ter um papel muito importante no desenvolvimento de alunos do ensino especial, estudos apontam que o trabalho musical tem o potencial de promover a plasticidade neural e se tornar uma ferramenta educacional auxiliando nas dificuldades de aprendizagem. A música trabalha positivamente a estrutura e a função de diferentes regiões do cérebro, reagindo a diferentes estímulos sensoriais e alterando o modo como elas se comunicam. Quando trabalhamos com música e a arte conseguimos exercitar os dois lados do cérebro, esse exercício ajuda a ter um menor grau de assimetria entre os hemisférios e ao aumento do volume de substância cinzenta.

As artes trazem muitos benefícios para alunos da educação especial, pois além do controle emocional, trabalham nas funções cognitivas como falta de atenção, perda de memória, controle de impulsividade, coordenação motora, entre outros.

Com base nos fundamentos de Koelsch (2011) e Rodrigues (2012), Sampaio, Loureiro e Gomes (2015, p. 147) declaram que:

Apesar de muitos estudos utilizarem apenas a audição musical para compreensão do processamento emocional de estímulos musicais, são nas experiências musicais ativas – ou seja, quando a pessoa toca um instrumento musical, canta, compõe, e improvisa – que se observam mais facilmente a presença destes processos cognitivos complexos e o desenvolvimento de habilidades relacionadas a eles.

É através da prática artística que as crianças começam a demonstrar evoluções onde antes tinham dificuldades, mas vale lembrar que para algumas crianças os resultados aparecem mais cedo que outras. Alguns fatores presentes na música auxiliam o trabalho com o aluno em sala de aula, a contagem de uma pulsação rítmica regular ajuda nesse processo, tornando a audição de uma música simples, sem mudanças, agradável e de fácil entendimento para uma criança com TEA.

Berger (2002), sugere que a presença de uma pulsação regular e previsível é o componente musical principal para explicar o prazer que a pessoa com TEA sente com a música, criando-se assim um estímulo ambiental não ameaçador ou aversivo.

A Musicoterapia é uma alternativa para o profissional trabalhar alunos com TEA, ela identifica músicas com as quais a criança demonstra familiaridade e usa a audição, composição e improvisação a favor do desenvolvimento emocional. A Musicoterapia consiste em um processo sistemático de intervenção no qual o terapeuta ajuda o paciente a promover sua saúde utilizando experiências musicais e a relação terapêutica (Bruscia, 2000).

A Musicoterapia tem crescido muito nos últimos anos, com diversas palestras pelo mundo todo e cursos de graduação e pós-graduação reconhecidos. Durante muito tempo a musicoterapia foi de forma equivocada por muitos profissionais tratada com descaso e sem a credibilidade merecida, porém ao longo dos anos, foi se mostrando cada vez mais eficaz e ganhando o devido respeito.

Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia,

Musicoterapia é o uso profissional da música e de seus elementos como uma intervenção em ambientes médicos, educacionais e cotidianos com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que buscam otimizar sua qualidade de vida e melhorar sua saúde e bem-estar físico, social, comunicacional, emocional, intelectual e espiritual. A pesquisa, a prática profissional, o ensino e o treinamento clínico em musicoterapia são baseados em padrões profissionais de acordo com contextos culturais, sociais e políticos (World Federation Of Music Therapy, 2011).

Hoje temos o conhecimento da existência de vários famosos que tinham ou têm TEA, entre eles, muitos artistas como: Anthony Hopkins, ator, diretor e produtor cinematográfico, tornou pública a notícia de que tinha a síndrome de Asperger, e que, mesmo com todas as dificuldades que encontrou ao longo de sua carreira, nunca deixou que isso fosse um impeditivo para seu sucesso.

Hopkins disse em uma entrevista: *“As pessoas com Asperger tendem a ser criativas ou severamente incapacitadas. Eu não sei se isso se aplica a mim, mas sei que nunca posso ficar calmo. Eu costumo executar várias tarefas, decido que não vou pintar e depois passo 24 horas pintando”*.

Michelangelo, o pintor italiano famoso pela pintura do teto da Capela Sistina, no Vaticano, também teria, segundo pesquisadores, um autismo de grau relativamente alto ou de síndrome de Asperger. Um psiquiatra envolvido em pesquisas sobre a vida do pintor descreve Michelangelo com possíveis traços da síndrome e ainda diz que ele era *“uma pessoa solitária e*

*distante*”. Segundo o psiquiatra, o pai e irmãos do pintor também teriam uma tendência ao autismo, mas na época não se tinha conhecimento necessário para o diagnóstico.

Alguns pesquisadores defendem a hipótese de que Mozart era portador do Transtorno do Espectro Autista. O compositor escreveu mais de 600 obras, entre elas, sinfonias, óperas e concertos. Aos 6 anos de idade já compunha e aos 8 escreveu sua primeira sinfonia. Pesquisadores relatam sua alta sensibilidade para música e ouvido absoluto, ainda observam que sua audição era tão delicada que sons altos podiam lhe causar dor e o deixar doente.

Assim como Mozart, Michelangelo, Hopkings, entre outros, pessoas com qualquer tipo de deficiência são capazes de superar desafios e servir de inspiração e incentivo para os demais, pois a Arte não impõe limites.

#### 4. Considerações Finais

É inegável a importância que a arte e a música possuem para o desenvolvimento humano, assim como sua força para ajudá-los a superar desafios e estimularem os nossos cérebros.

As artes muitas vezes funcionam como refúgio, uma válvula de escape para os nossos problemas, nos ajudam a expressar sentimentos como a felicidade e a tristeza, além de trabalhar diretamente com as nossas funções motoras e cognitivas.

O professor em sala de aula é quem vai auxiliar a criança no desenvolvimento de suas atividades, e deixar o aluno descobrir que através da arte ele pode se reinventar e superar qualquer problema. Não é um caminho fácil, pois estudantes com deficiências podem se deparar com enormes dificuldades, assim, a criança irá precisar não só do professor lhe auxiliando, mas também da família ao seu lado, dando total apoio e estímulo. Certa vez, Fernando Pessoa disse que a arte é a auto expressão lutando para ser absoluta.

Devemos nos permitir criar, questionar, mais do que tudo nos expressar. A arte é a cura para os males do dia a dia, ela é o futuro e a calma de uma criança, arte é esperança. A arte e a linguagem musical são possibilidades relevantes no desenvolvimento de alunos com TEA, pois estes em sua maioria apresentam dificuldades na linguagem e na interação com o outro, pesquisas demonstram que crianças com TEA, ao terem contato com a música e com a arte em geral, melhoram a linguagem, a expressão corporal, a coordenação motora, a interação e a sociabilidade.

#### Referências

- Aguiar, D. (2008). *Toque e cante*. Aguiar.
- Antero, R. (Org.). (2010). *O Ensino da Música nas aulas de Arte*. Criciúma: Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Barbosa, A. M. (2002). *Arte Educação no Brasil*. Perspectiva.
- Barbosa, A. M. (1998). *Tópicos Utópicos*. Com Arte.
- Baumer, É. R. (2009). *O Ensino da Arte na Educação Básica*. Mediação.
- Berger, D. (2002). *Music Therapy, Sensory Integration and the Autistic Child*. London: Jessica Kingsley.
- Buoro, A. B. (2000). *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. (4a ed.). Cortez.
- Bruscia, K. (2000). *Definindo Musicoterapia*. Enelivros.
- Duarte Júnior, J. F. (1994). *Fundamentos estéticos da educação*. (3a. ed.). Papirus, 1994.
- Duarte Júnior, J. F. (1988). *Por que arte-educação?* (5a. ed.). Papirus.
- Fonterrada, M. T. de O. (2008). *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. (2a. ed.). editora UNESP; Funart.

Hopkins, A. (s. d.). *Conheça a trajetória de Anthony Hopkins, o ator autista indicado ao Oscar 2020*. <https://omundoautista.uai.com.br/conheca-a-trajetoria-de-anthony-hopkins-o-ator-autista-indicado-ao-oscar-2020/#:~:text=Ele%20novamente%20apontou%20que%20as,depois%20passo%2024%20horas%20pintando%E2%80%9D>.

Koelsch, S. (2011). Toward a neural basis of music perception – a review and updated model. *Frontiers in Psychology*, 2, artigo 110, 1-20.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale.

Rodrigues, A. (2012). *Efeito do treinamento musical em capacidades cognitivas visuais: atenção e memória*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Neurociências. Universidade Federal de Minas Gerais.

Rodrigues, A. M. (2019). *Projeto Coral Terapêutico: atividade de musicoterapia e educação musical especial, para inclusão social de crianças com desenvolvimento atípico, numa escola do centro de Teresina-PI*. Anais do Encontro sobre Música e Inclusão, 205-217. <https://ojs.musica.ufm.br/emi/article/view/9>.

Sampaio, R. T., Loureiro, C. M. V., & Gomes, C. M. A. (2015). A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. *Per Musi*, (32), 137-170.

Souza, F. F. de. (2009). *Arte e Indústria: Justificativas do Ensino de Desenho nos Pareceres de Rui Barbosa*. 19&20, 4(3), 1-7. 05 mai. 2022 de [http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/ea\\_ruibarbosa.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/ea_ruibarbosa.htm).

Souza, A. S. (2021). A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, 20(43), 64-83. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>.

World Federation of Music Therapy (2011). *What is Music Therapy?* <http://www.wfmt.info/wfmt-new-home/about-wfmt/>.